

LEITURAS DO DRAMA CONTEMPORÂNEO: OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA EM ESCOLA DA COMUNIDADE

MILENA DE CASTRO VAZ¹; FERNANDA VIEIRA FERNANDES²

¹ Universidade Federal de Pelotas - milenadecastrovaz@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – fvfernandes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como enfoque relatar o início de pesquisa do meu trabalho de conclusão no curso de Teatro-Licenciatura Noturno e uma experiência do projeto *Leituras do drama contemporâneo*, da Universidade Federal de Pelotas, promovida em uma oficina de leitura na Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello. A discussão abordada aqui parte de estudos sobre o hábito da leitura (ou falta dele) e o desconhecimento das pessoas em geral sobre textos teatrais.

O projeto citado acima surgiu em 2015, tem ênfase na pesquisa, é coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes e eu atuo nele como bolsista de iniciação científica (PIBIC CNPq 2021-2022; PROBIC FAPERGS 2022-2023). O objetivo geral do projeto é fomentar a leitura e divulgação de textos dramáticos escritos na contemporaneidade. Através dele, são realizadas leituras dramáticas na universidade, abertas à comunidade, e em escolas de Pelotas, proporcionando ao público uma forma não habitual de conhecer um texto. Em 2020, por conta da pandemia do Covid-19, o projeto teve que se adequar ao meio virtual, o que proporcionou experiências positivas e dinâmicas diferentes, que aproximaram pessoas de diversos cantos do país. Foi também a partir de 2020 que o projeto começou a ofertar oficinas e encontros de leitura dramática para a leitura do público em geral. Em 2022, essas iniciativas passaram a ser executadas presencialmente – como o caso da ETE Professora Sylvia Mello.

Neste resumo, proponho abordar um breve olhar histórico e social sobre o hábito da leitura, relacionando com a experiência e formulário preenchido pelos alunos da turma da escola, que experienciaram a supracitada oficina. Observou-se principalmente a relação dos alunos com a leitura como um todo e sobre o conhecimento deles em relação à literatura dramática.

A pesquisa dialoga com FERNANDES (2021) acerca das ações do *Leituras*; com GRAZIOLI (2019), sobre a leitura do texto dramático na escola; ROSA (2006), discutindo sobre questões históricas; e VIDOR (2016), sobre prazer e aprendizagem através da leitura.

2. METODOLOGIA

A metodologia teórica que utilizo parte de estudos individuais e, posteriormente, discutidos com a orientadora, sobre questões da desvalorização da leitura e dos textos teatrais e recortes históricos sobre o processo de formação de leitores no Brasil. São desenvolvidos também estudos coletivos com os integrantes do projeto, analisando-se características diversas encontradas em textos teatrais e sobre a dramaturgia na contemporaneidade. A parte prática das iniciativas acontece simultaneamente aos

estudos teóricos, com ensaios/apresentações de leituras dramáticas e oficinas voltadas a contribuir para formação de leitores e ampliar o alcance da pesquisa.

O interesse por levar a oficina para a ETE Professora Sylvia Mello veio da minha vivência como estudante da mesma durante o ensino fundamental e médio. A escola fica localizada na cidade de Pelotas, no bairro Fragata. O processo aconteceu através de uma oficina de leitura dramática estruturada em cinco encontros com os alunos da turma 1002, do 1º ano do Ensino Médio. A oficina foi ministrada por mim e pela discente do curso de Teatro-Licenciatura Integral, também bolsista de iniciação científica (PBIP-AF UFPEL), Cândida Reis Canielas. As aulas foram planejadas por nós de forma colaborativa, sob a orientação da coordenadora, pensando o objetivo de cada aula. O primeiro dia foi destinado ao preenchimento de um formulário, o qual foi criado com perguntas que fizessem os alunos assinalarem alternativas com as quais se identificassem. A ideia do formulário surgiu para tentar entender melhor qual o espaço da leitura na vida desses estudantes, se eles têm o hábito de ler, se gostam ou não, se na sua família há leitores e qual a relação deles com o texto teatral, se conhecem ou não.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso tem ligação direta com o projeto, ampliando o que já havia sido pesquisado na condição de bolsista. Alio, portanto, estudos teóricos e minha experiência enquanto proponente de uma ação prática nessa escola da comunidade, refletindo sobre minha formação tanto como docente, quanto como leitora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A motivação para pesquisar sobre o hábito de leitura dos adolescentes e seu contato com textos teatrais veio da minha vivência distante dos livros e da falta de conhecimento sobre dramaturgia nos meus anos escolares. Apenas ao ingressar na universidade que esse hábito, aos poucos e com dificuldades, foi mudando. O distanciamento com a leitura é algo enraizado em todo meu processo de formação básica e isso fez com que surgisse a vontade de entender qual o lugar da leitura na vida de alguns jovens da escola onde estudei.

Para tentar compreender o porquê do distanciamento da leitura como fruição, apresento um breve panorama histórico sobre a leitura no nosso país. Segundo ROSA (2006), o hábito de leitura em voz alta e a alfabetização por muito tempo esteve ligado a uma camada específica da sociedade, como os aristocratas e os religiosos.

Ainda conforme ROSA (2006), somente em 1808, no Brasil, com a chegada da família real portuguesa, que foi autorizada a imprensa e a circulação de livros. Naquele momento, cerca de 90% da população brasileira era analfabeta. Para essa maioria, não havia muita diferença, pois continuariam sem ter o contato com os livros. O hábito de leitura estava restrito a camadas mais altas da sociedade, como os intelectuais, os mais afortunados e a corte. As pessoas de baixa renda eram afetadas pela falta de conhecimento e letramento. Entre os mais ricos, era comum também disseminar-se o hábito da leitura em voz alta, através de eventos culturais e sociais privados promovidos pelas famílias, denominados como saraus.

Ou seja, por muitos anos, na história do nosso país, a leitura foi algo restrito apenas a pessoas de famílias abastadas. Evidentemente que nos dias de hoje a maioria da população brasileira tem acesso à escolarização. Contudo, a leitura segue sendo um hábito pouco cultivado. Seja por falta de costume ou tempo livre, por falta de acesso a livros ou porque os tipos de atividades de lazer são variados – entre outros fatores.

O projeto *Leituras do drama contemporâneo* surgiu por iniciativa da coordenadora justamente por perceber a desmotivação e falta de interesse dos alunos sobre a leitura de textos teatrais, por achar chata e difícil. A leitura dramática surge como uma forma de experimentar uma outra maneira de se ler, em voz alta. A pesquisadora afirma que

[...] a leitura, seja ela dramática ou não, quando realizada em voz alta, de forma compartilhada entre as pessoas, tem uma tendência a ser mais bem compreendida. A vocalização passa pelo corpo de quem lê e de quem escuta, somada ao fato de agregar os sujeitos, colocá-los no espaço coletivo [...]. (FERNANDES, 2021, p. 294).

Para entender melhor como está a leitura na vida de alguns jovens da comunidade, escolhi fazer uma pesquisa dentro da escola mencionada anteriormente.

O primeiro passo foi elaborar um questionário, aplicado no primeiro encontro. As perguntas do formulário serviram para saber qual o contato dos alunos com a leitura e com a dramaturgia. Apresento aqui algumas questões e dados retirados das respostas dos alunos. A partir da pergunta “Você gosta de ler?”, entre 16 alunos, 9 votaram que gostam pouco, 5 votaram que gostam e 2 votaram que gostam muito. Ao serem perguntados sobre já terem lido algum texto de teatro, 9 votaram que não sabiam/não lembravam e 7 votaram que não. A resposta já era esperada, pois a literatura dramática costuma ter pouco espaço no currículo escolar. Ainda que a dramaturgia esteja prevista na Base Comum Curricular (BNCC) em diferentes fases da formação escolar, na prática, isso acaba sendo diferente. Fabiano Grazioli observa que “[...] prosa e poesia, embora muitas vezes conduzidas de modo equivocado, ainda têm espaço, ao passo que a dramaturgia é negada aos estudantes em praticamente todos os níveis de ensino” (GRAZIOLI, 2019, p. 81). Pode ocorrer também da abordagem ser exclusivamente teórica, como nas aulas de Literatura, sem leituras em voz alta, dramatizações, improvisações ou outros jogos a partir do texto. Na disciplina de Artes, quando aparece, está mais focada em encenação do que em conhecer o texto através da leitura.

Nos encontros seguintes com a turma foram trabalhados exercícios vocais que auxiliaram para a leitura do texto em voz alta. A peça escolhida foi *A casa da maga*, de Diego Molina. A obra foi o pilar para os exercícios de dicção, respiração e entonação. No último dia de oficina, o texto foi lido por completo com os alunos, exercitando a escuta e a leitura em voz alta. Inicialmente, os alunos estavam resistentes em fazer as atividades propostas, mas aos poucos foram se sentindo mais confortáveis e explorando os exercícios. Os relatos sobre a leitura em voz alta foram positivos, estavam entusiasmados e variando as expressões vocais durante a leitura. Propuseram até ler mais de uma vez a obra de Molina, para modificar o que haviam feito, dando outras intenções.

4. CONCLUSÕES

O projeto *Leituras* surgiu no âmbito da universidade, mas a sua dimensão conseguiu se expandir até outros públicos, chegando em alunos de ensino médio de uma escola da comunidade. A oficina proposta, mesmo que com poucas aulas, foi um meio de perceber como o texto teatral vem sendo, ou não, trabalhado. O tema pode ser discutido com futuros professores de teatro, estudantes da UFPEL, por exemplo, evidenciando que é preciso adentrar à escola também com a abordagem da dramaturgia e levar a literatura dramática para a comunidade.

Na oficina foi possível explorar questões que não tinham sido abordadas antes no ambiente escolar e foi uma experiência que trouxe algum tipo de aprendizagem ou vivência para os alunos, que conheceram um texto novo e uma forma diferente de descobri-lo. A leitura dramática, e todo processo de exercícios anteriores que a engloba, traz os alunos para uma atmosfera de diversão e prazer ao ler, distanciando-se da maneira usual. Como observa VIDOR:” Nosso desafio é e continua sendo, justamente, fazer com que essas composições levem a sensação, por parte dos alunos, de que é possível associar prazer e aprendizado” (VIDOR, 2016, p. 176).

Muitas vezes o que aprendemos em nossa formação básica fica guardado no nosso inconsciente e apenas anos depois percebemos que aquilo nos tocou. Com passos pequenos colocamos em pauta o texto teatral e tentamos despertar o interesse dos jovens para a leitura. Enquanto estudante de licenciatura, essa experiência enriquece também minha formação.

Esse resumo apresenta estudos de iniciação científica do processo do Trabalho de Conclusão de Curso que ainda está em andamento e que seguirá desenvolvendo reflexões e discussões acerca do tema tratado. O projeto também segue com ações diversas para fomentar a formação de leitores e a divulgação de textos e autores/as.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, F.V. A leitura dramática e a formação de leitores: práticas e experiências na pesquisa e extensão. **Revista Textura**. Canoas, v. 23, n. 54, p. 289-305, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6225>. Acesso em 03 ago. 2021.

GRAZIOLI, F.T. **Teatro de se ler**: o texto teatral e a formação do leitor [E-book]. 2.ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2019. Disponível em: <http://www.editora.upf.br/index.php/e-books-topo/68-literatura/210-teatro-de-se-ler-2>. Acesso em 03 ago. 2021.

ROSA, G.A. **Leitura dramática**: um recurso para revelação do texto. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - PPGAC, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9448>. Acesso em 03 ago. 2021.

VIDOR, H.B. **Leitura e teatro**: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec; Florianópolis: Fapesc, 2016.